

COLEÇÃO DE TEATRO

LUÍS DE STTAU MONTEIRO

TODOS OS ANOS,
PELA PRIMAVERA



GUIMARÃES EDITORES

LUÍS DE STTAU MONTEIRO

ULFLON 00684



TODOS OS ANOS,
PELA PRIMAVERA

GUIMARAES EDITORES
LISBOA

PERSONAGENS

3 CARCEREIROS e 2 AGENTES que inicialmente estão presos à sua condição de agentes e de carcereiros, mas que, no decorrer da peça, vão conhecendo outros regimes prisionais.

1 INDIVÍDUO que é preso todos os anos pela primavera e que daria anos de vida para ser preso, ainda que só uma vez, no inverno.

1 INDIVÍDUO que matou Deus para poder subsistir, mas que o reinventou assim que as circunstâncias se alteraram.

Alguns doidos que assaltam periodicamente as cadeias, umas vezes levados pelo sonho e outras pelo ódio. As datas destes assaltos dão os nomes às ruas e às praças da cidade.

2 CIDADÃOS que iam perdendo o comboio mas que, por fim, sempre conseguiram entrar na cadeia a tempo de ser «libertados» e classificados de «heróis da resistência».

ALGUMAS NOTAS DESNECESSÁRIAS QUE
PODERÃO, TODAVIA, SER ÚTEIS A UM
ENCENADOR NÓRDICO

Ao abrir o pano:

O CHEFE DOS CARCEREIROS tem cinquenta anos.

Entrou para o «serviço» por causa da reforma. Já perdeu a esperança da reforma mas também sabe que já é tarde para voltar atrás. Em casa joga à bola com os filhos e pergunta todos os dias à mulher: «tu, que me conheces, julgas-me capaz de fazer mal a uma mosca?» A mulher já lhe pediu vezes sem conta para arranjar outro emprego porque «tem um pressentimento». Sempre que ela fala nesse «pressentimento» ele irrita-se, sai de casa e ou dá longos passeios a pé ou vai até à taberna onde insiste, à viva força, em pagar as bebidas a todos os presentes, conhecidos ou desconhecidos.

O SEGUNDO CARCEREIRO tem trinta anos. Em miúdo apanhava pardais, cegava-os com um alfinete e, depois de os libertar, ia para trás do palheiro da horta masturbar-se. Perseguido por remorsos, chegava a rezar cem Avé-Marias a fio.

Aos vinte e três anos casou e manteve relações sexuais com a mulher durante um mês. Nunca mais lhe tocou. Actualmente ou lhe bate ou lhe pede perdão «pelo grande mal que lhe fez».

O TERCEIRO CARCEREIRO tem vinte e oito anos.

Foi o melhor aluno da escola primária da aldeia. Seu pai, sargento reformado e legítimo proprietário de dez medalhas de bom comportamento, obteve-lhe o emprego por intermédio dum major a quem manda todos os anos, pelo Natal, um peru, dois garrafões de «vinho da terra» e uma saca de batatas. Nunca bateu num preso, mas receia que essa sua fraqueza provoque a desconfiança dos colegas. É por isso que grita tanto. Conhece o proprietário duma fábrica de bolachas que teve um filho preso — a vida está cheia de «contradições» — e anda a estudar dactilografia para «dar outro rumo à vida». Lê, às escondidas, livros de divulgação cultural.

O CHEFE DOS AGENTES tem trinta e sete anos.

Esteve num seminário — o que é sempre uma boa apresentação — onde decorou vários e úteis argumentos contra várias correntes doutrinárias que não chegou a estudar. Sabe que esta e aquela doutrina são más e até sabe porquê, mas não sabe em que consistem. Adquiriu também no seminário, entre outros vícios, e além do ar seráfico que o caracteriza, uma forte tendência para o pecado da gula. É ao mesmo seminário

que deve a facilidade com que se adaptou à sua nova carreira — discípulo de peixe sabe nadar — e uma elasticidade escolástica que lhe permite crer, com toda a sinceridade, que «por vezes é duro, é certo, mas para bem das vítimas».

Se tivesse vivido no século XVII teria prosseguido na carreira eclesiástica para maior glória de Deus e do Tribunal da Santa Inquisição.

O PRIMEIRO PRESO tem quarenta e dois anos e seria mestre escola se concordasse com a versão oficial dos acontecimentos que tiveram lugar em 1360. Acontece, porém, que deixou de acreditar em versões oficiais o que muito prejudica tanto a sua saúde como a estabilidade do seu lar. No ficheiro das autoridades está classificado como «indivíduo perigoso que recebe dinheiro de potências estrangeiras para provocar a confusão nos espíritos e alterar as sãs instituições que presidem aos destinos da nação desde 1360».

O SEGUNDO PRESO tem cinquenta anos e começou por não odiar ninguém. Segundo um provérbio chinês, «o homem não sonha em fazer mal ao tigre, é o tigre que sonha em devorar o homem». É claro que, por fim, o homem tem que se defender do tigre e acaba, mesmo, por adquirir muitas das suas características.

1.º A C T O

O pano abre e a cena permanece, de entrada, inteiramente às escuras. Segundos depois ouve-se a voz dum locutor da rádio lendo um texto que tanto pode ser duma nota oficiosa como dum discurso político. A voz é lenta, impessoal, quase mecânica. Dir-se-ia que o locutor leu milhares de textos semelhantes no decorrer da vida sem nunca prestar atenção ao conteúdo dos mesmos.

VOZ DO LOCUTOR — ...tão grande tem sido o esforço desenvolvido pelo governo para reforçar as velhas estruturas sociais. Quando um dia se escrever a história do nosso tempo — a verdadeira história, objectiva e liberta de paixões humanas — far-se-á justiça aos homens que presidiram aos destinos da nação nesta hora trágica em que a loucura parece ter-se apossado dos povos. Então e só então se dará o devido valor ao esforço que o governo vem desenvolvendo para colocar a dignidade humana no topo da sua escala de valores. O homem, feito por Deus à sua imagem e semelhança...

A voz do locutor é cortada abruptamente pela voz concreta e real do terceiro carcereiro. Surge,